

O SIGNIFICADO DE NATUREZA HUMANA EM KANT¹

The Meaning of the Human Nature in Kant

DANIEL OMAR PEREZ

CNPq- PUC-PR

daniel.omar.perez@cnpq.br

Abstract: This paper shows the meaning of concept of human nature according to the nominal definitions and the characteristic elements of Kant's work. The research gives some elements to decide the place and the status of the anthropology in Kantian sense.

Keywords: Kant. Anthropology. Human nature. Ethics.

Einteilung der Leidenschaften

Sie werden in die Leidenschaften der natürlichen (angeboren) und die der aus der Kultur der Menschen hervorgehenden (erworbenen) Neigung eingeteilt. Die Leidenschaften der ersteren Gattung sind die Freiheits- und Geschlechtsneigung, beide mit Affekt verbunden.

Divisão das paixões

Elas são divididas em paixões da inclinação natural (inatas) e paixões da inclinação procedentes da civilização dos seres humanos (adquiridas). As paixões do primeiro gênero são a inclinação à liberdade e a inclinação sexual, ambas ligadas à afecção. (KANT, Ant. 267-268)

Introdução

Todos sabem que com o desenvolvimento da computação, da neurologia e da engenharia genética a segunda metade do século XX propiciou o aparecimento de trabalhos interdisciplinares acolhidos sob o rótulo de ciências cognitivas. Em certa medida, em uma das suas variadas linhas de pesquisa trata-se de saber como é que funcionam os processos que permitem a transformação e auto-organização das substâncias orgânicas e inorgânicas em relação com a possível adaptabilidade dos organismos vivos. Nesse sentido, de um modo geral, podemos indicar duas orientações de trabalho. Uma dessas orientações parte da afirmação de que existe uma inteligência das próprias formas, uma inteligência das células que conteria todas as

¹ Este artigo faz parte do projeto de produtividade em pesquisa financiada pelo CNPq *Antropologia pragmática e filosofia prática de Kant*.

possibilidades de combinação e reação que implicaria na manutenção ou mutação desses organismos para se adaptar e sobreviver ou não. Assim sendo, a ameba ou qualquer outro organismo uni ou pluricelular não precisaria de ética ou de epistemologia para decidir sobre suas possibilidades de ação e conhecimento. Outra orientação é a que afirma que além de reconhecer a determinação causal das reações eletro-químicas, também deve se reconhecer a existência de representações mentais com uma causalidade própria e uma incidência mútua com o anterior registro de causalidade. Embora o debate seja contemporâneo o problema não é novo. Trata-se do confronto entre um materialismo radical que desconheceria qualquer importância sobre a necessidade de representações mentais sob pena de recair num dualismo ultrapassado e uma tentativa de pensar a autonomia das representações mentais que conformariam sintaxes próprias. Consequentemente, no caso do homem poderíamos definir sua situação ou pela sua própria fisiologia (determinação causal das reações eletro-químicas) ou pela relação dessa com as representações mentais (PINKER, 2002). A questão toda poderia ser formulada do seguinte modo: no caso do homem, a relação entre o organismo e o ambiente dispensa ou não as representações mentais?

Nesse sentido, parece pertinente retomar o problema a partir das reflexões de Kant que dizem respeito à natureza humana por vários motivos: 1. no final do século XVIII assistimos a um momento peculiar da história natural, da geografia humana, da biologia e do nascimento da antropologia; 2. Kant participa ativamente dos debates com os cientistas daquelas áreas, publica e ministra aulas sobre o tema; 3. A sua contribuição parece ainda útil (esperamos poder demonstrar este último elemento) no que se refere à possibilidade de pensar as representações mentais e a sua relação com a fisiologia e o ambiente evitando um dualismo ingênuo.

Kant: do sistema da filosofia à natureza do homem

Ninguém duvida de que as três críticas de Kant, a saber, a *Crítica da razão pura* (1781), a *Crítica da razão prática* (1788) e a *Crítica da Faculdade de Julgar* (1790) compõem a coluna vertebral da filosofia crítica e o pano de fundo para a abertura de boa parte dos problemas com os quais o pensamento contemporâneo terá de se haver, um deles somos nós mesmos. De um modo geral, podemos dizer que a pergunta pela possibilidade do conhecimento científico (primeira crítica), do conhecimento prático (segunda crítica) e da reflexão (terceira crítica) ou, por outro aspecto, a pergunta pela possibilidade da experiência cognitiva, da experiência ética, da experiência estética e da finalidade fica reduzida à pergunta kantiana pela possibilidade das

proposições cognitivas, morais, estéticas e teleológicas. A resolução desse interrogante levará à formulação das condições lógicas (sintáticas) e semânticas (referenciais) das estruturas proposicionais e dos conceitos envolvidos nessas proposições que, por sua vez, permitem formular e resolver problemas em cada âmbito (LOPARIC, 2000).

Assim sendo, cada tipo de proposição (teórica, prática e reflexionante) têm condições lógicas e referenciais que lhe são próprias e desenham o campo no qual se inscrevem. Isto significa que um conjunto de representações mentais, ordenadas segundo comandos operacionais, funcionaria segundo uma sintaxe e uma semântica própria. Por isso, uma questão estética ou moral não se resolve com proposições cognitivas a não ser perdendo a especificidade do próprio problema (PEREZ, 2008).

No século XX se ensaiou a possibilidade de legitimar como problemas válidos só os problemas cognitivos, considerando todos os outros apenas falsos problemas. Essa saída, que obviamente não é kantiana, deixa para trás um campo maior de problemas que aqueles que resolve. Isto não seria problema se aceitarmos incondicionalmente o princípio metafísico que está na base dessa operação, a saber: a única experiência válida é a experiência cognitiva. No entanto, o âmbito do *sem sentido* abarcaria a maior parte do que hoje consideramos como atividades humanas. É para questionar aquele princípio metafísico aceito implícita ou explicitamente por uma parte importante de cientistas contemporâneos que retornamos a Kant.

Zurück zu Kant

Ninguém duvida de que a filosofia crítica se desenha aos poucos (não só nas três críticas mencionadas, senão também nos textos ditos menores das décadas de 1780 e 1790) sob as perguntas: *que posso saber?*, *que devo fazer?*, *que está me permitido esperar?* Mas ninguém duvida também, sobretudo Kant, que o que perpassa toda essa tarefa pode ser enunciado sob a pergunta: *que é o homem?*² Pergunta antropológica por definição. Uma pergunta que, para Kant, não busca apenas uma simples descrição dos seres humanos, mas um estudo da natureza humana. A *Antropologia em sentido pragmático* (1798), tarefa kantiana que se estende desde 1773 até 1798 e que aborda decididamente a tarefa pela interrogação do que é o homem, se pergunta pela natureza humana como um conhecimento geral e não meramente local. Assim,

² As quatro perguntas são formuladas por Kant no texto da *Crítica da razão pura*, na *Lógica* e nos cursos de *Antropologia*. Todas as formulações aparecem durante o desenvolvimento da etapa crítica.

passamos da pergunta pela possibilidade das proposições à pergunta pelo homem e daí à indagação do significado de natureza humana.

Alguns comentadores kantianos consideram a *Antropologia* um mero escrito de aulas sem qualquer interesse sistemático (BRANDT, & STARK, 1997). Outros afirmam que o que realmente importaria seria a lógica do funcionamento da razão elucidada nas três críticas e não os exemplos ou as menções de Kant sobre a fisiologia do homem em textos menores, assim, a *Antropologia* ficaria nesse segundo grupo. Ainda outro grupo de estudiosos reconhece na antropologia um domínio de aplicação da razão prática pura, como se fosse o lado impuro, com elementos empíricos, da ética (LOUDEN, 2000). E, finalmente, outros sustentam que Kant pressupõe uma natureza humana em todo o seu sistema crítico e que uma Antropologia poderia ser entendida como essa condição de pressuposto (LONGUENESSE, 2005).

O leque de possibilidades de interpretação nos mostra a importância, em Kant, de abordar o problema da relação entre conceitos de razão (ou representações mentais) e exemplos materiais e funcionamentos fisiológicos do corpo. A relação entre representações mentais e fisiologia não parece ser um tema resolvido nem em Kant nem na discussão atual que predomina nas neurociências. Nesse sentido, o problema da antropologia de Kant se torna uma questão contemporânea. Ao final, *que é o homem?* Uma mera idéia? Um mero funcionamento fisiológico com conseqüências necessárias ou a relação deste com representações mentais que incidem nas relações causais?

O significado do conceito de natureza humana

A *Antropologia em sentido pragmático*, enquanto uma ciência, isto é, como conjunto sistematicamente organizado de conhecimentos, possui observações psicológicas, observações de condutas repetidas, conhecimentos fisiológicos, fragmentos de obras literárias e peças de teatro que recriam os dramas, as situações e os traços característicos de indivíduos ou conjuntos de indivíduos. Porém, como já sabemos, não se trata de um conhecimento local senão geral do ser humano, portanto, não é lícito reduzir o conhecimento antropológico a um daqueles elementos mencionados afirmando que se trataria apenas de um conhecimento empírico sobre condutas humanas observáveis ou uma espécie de crítica literária baseada nos clássicos da cultura ocidental ou até mesmo um manual de conselhos de prudência escrito por um sábio erudito. Esse tipo de leitura só se sustenta amputando o trabalho kantiano da antropologia pragmática.

As observações antropológicas e psicológicas, realizadas em campo ou tiradas dos livros, são avaliadas e ordenadas segundo uma proposição fundamental, determinada por um conceito da razão prática e um conjunto de faculdades (ou capacidades), temperamentos, disposições e germes que seriam os conhecimentos prévios a todo objeto dos sentidos e que definiria o próprio conceito de natureza humana. Vejamos. No prefácio da *Antropologia em sentido pragmático* Kant escreve:

Uma doutrina do conhecimento sistematicamente composta (antropologia) pode ser tal do ponto de vista fisiológico ou pragmático. O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a natureza faz do homem; o pragmático, o que ele faz de si mesmo, ou pode e deve fazer de si mesmo como ser que age livremente. (KANT, Anth. 119)

O conhecimento fisiológico diz respeito às causas naturais que operam na natureza humana. A fisiologia contém um conhecimento do homem como objeto da natureza. Porém, uma antropologia pragmática, afirma Kant, *contém um conhecimento do ser humano como cidadão do mundo (sie Erkenntnis des Menschen als Weltbürgers enthält)*. Assim sendo, podemos dizer que de um ponto de vista fisiológico o homem é um objeto da natureza e de um ponto de vista pragmático o homem é cidadão do mundo. Com estes predicados já temos uma delimitação do significado do conceito que estamos estudando. Se a antropologia se interroga pela natureza humana, a natureza que se indaga na *Antropologia pragmática* não se reduz a um objeto meramente empírico dado na natureza como um corpo biológico já que o predicado *Cidadão do Mundo* não é um simples conceito empírico, mas uma idéia da razão prática.

É preciso lembrar aqui que Kant, em *Princípios metafísicos da ciência da natureza* (1786,) nega a possibilidade de a psicologia ser ciência porque seus objetos, tal como ele os entende, seriam apenas do sentido interno, isto quer dizer que não podem ser objetivados. Cito Kant:

A psicologia empírica está ainda mais longe que a química no ranking de uma ciência da natureza em sentido próprio, fundamentalmente porque as matemáticas não podem ser aplicadas aos fenômenos do sentido interno [...] (KANT, 1786 A X)

Essa psicologia jamais poderá ser outra coisa que uma teoria histórica do sentido interno e tão sistemática quanto lhe seja possível, quer dizer, uma descrição natural da alma, porém não uma ciência da alma nem uma teoria psicológica experimental [...] (KANT, 1786 AXI).

Se este argumento vale para decidir a impossibilidade da psicologia ser uma ciência empírica, então também deve valer para a antropologia que não só não se refere a objetos do sentido interno, senão que utiliza conceitos do âmbito prático. Se isto é aceitável, então o nosso

problema pode ser delimitado com mais precisão: a antropologia tem mais a ver com o conhecimento prático do que com o conhecimento teórico. Mas Kant afirma que a antropologia é ciência, então devemos encontrar outro lugar para a antropologia daquele que meramente afirma que seria uma ciência empírica sem se preocupar com todos os cuidados que a filosofia kantiana toma para decidir sobre o estatuto de um saber que possa ocupar esse domínio.

A proposição e os seus elementos

O Ser Humano é Cidadão do Mundo é a proposição inicial e fundamental da antropologia em sentido pragmático. Certamente podemos dizer que ocupa o mesmo lugar que a proposição *Isto é Meu* no direito ou *A História da Espécie Humana Tende para Melhor* na História. Não se trata de uma proposição a mais, senão daquela que define o objeto em questão. Assim sendo, para poder achar o sentido de todas as outras proposições da antropologia devemos poder achar o sentido da sua proposição inicial.

De acordo com os elementos que Kant oferece nas primeiras páginas do prefácio da *Antropologia*, a sentença *O Ser Humano é Cidadão do Mundo* está sustentada em:

1. Um plano da filosofia definido pela tripartição das faculdades;
2. Conhecimentos prévios do homem definidos por características, temperamentos, disposições e germes.

O problema agora é examinar qual é o **plano** dado pela filosofia e quais são os **conhecimentos prévios**.

O **plano** está associado à divisão da *Antropologia* na sua primeira parte (o que permite ordenar sistematicamente as observações) e é fornecido pelos resultados do exame crítico da razão. Trata-se da Faculdade de Conhecer (primeira crítica), do Sentimento de Prazer (terceira crítica) e da Faculdade de Apetição (segunda crítica). Este plano ou divisão em faculdades organiza a *Didática Antropológica* e compõe a ordem de alguns dos elementos colhidos em campo, em estudos especializados, diários de viagens e escritos literários. Didaticamente se ordenam os elementos do resultado da pesquisa. Desse modo, na *Antropologia* não encontramos senão um conjunto de observações ordenadas por um conhecimento prévio das capacidades do homem que visam não apenas a saturação de um objeto empírico segundo seus predicados observáveis, senão a possibilidade de conhecer o interior e o exterior do ser humano como cidadão do mundo.

A segunda parte da *Antropologia em sentido pragmático*, a *Caraterística antropológica*, está organizada em uma divisão que desenha círculos concêntricos que vão da pessoa ao gênero, povo, raça e, finalmente, espécie. Vejamos os elementos que compõem esta parte e façamos a sua análise. Sendo que se trata de característica comecemos com a noção de caráter.

O **caráter**, segundo Kant, pode ser físico ou moral. O caráter físico *é o signo distintivo do ser humano como ser sensível ou natural*. Já o caráter moral é aquilo que –afirma Kant- *o distingue como ser racional, dotado de liberdade. Tem caráter o homem de princípios, de quem se sabe que se pode contar, não com seu instinto, mas com sua vontade* (KANT, Anth. 285).

Assim, na característica do ser humano encontramos:

1. A disposição natural;
2. O temperamento ou índole sensível;
3. O caráter propriamente dito ou índole moral.

As duas primeiras disposições –escreve Kant- indicam o que se pode fazer do homem; a última (moral), o que ele se dispõe a fazer de si mesmo (KANT, Anth. 285). A **disposição natural** diz respeito *a um impulso ao bem prático, ainda que não seja exercido segundo princípios*. O **temperamento** tem um aspecto fisiológico, que diz respeito à constituição corporal forte ou fraca e à compleição (fluídos e força vital); e um aspecto psicológico (expressões representadas conforme a analogia dos jogos dos sentimentos e desejos com as causas motrizes corporais) (KANT, Anth. 286). Daí resultam os temperamentos: sanguíneo, melancólico, colérico e fleumático. O **caráter** *é a qualidade da vontade segundo a qual o sujeito se obriga a seguir determinados princípios práticos que prescreveu inalteravelmente para si mesmo mediante sua própria razão* (ainda que esses princípios possam ser falsos ou errôneos) (KANT, Anth. 292). Com essas coordenadas se organizam os signos que permitem conhecer o interior do homem pelo exterior e caracterizar a classe do ser humano no sistema da natureza. No **caráter da espécie**, Kant afirma que

para indicar a classe do ser humano diferente de toda a natureza viva, nada mais nos resta afirmar que ele tem um caráter que ele cria a si mesmo enquanto é capaz de se aperfeiçoar segundo os fins que ele mesmo assume; por meio disso, ele, como animal dotado de faculdade da razão (*animal rationabile*), pode fazer de si um animal racional (*animal rationale*); - nisso ele, primeiro, conserva a si mesmo e a sua espécie; segundo, a exercita, instrui e educa para a sociedade doméstica; terceiro, a governa como um todo sistemático (ordenado segundo princípios da razão) próprio para a sociedade (KANT, Anth. 321-322).

Assim, conservar, educar e governar seriam características racionais do ser humano, isto é, qualidades da vontade, que levariam à preservação, ao cultivo e progresso da cultura, dos direitos e da moral, que dizer, modos de se tornar propriamente racional. Assim, podemos dizer que, segundo Kant, o homem não é um animal racional, mas pode vir a ser e as suas características favorecem isso.

Porém, Kant afirma que *o característico da espécie humana, em comparação com a idéia de possíveis seres racionais em geral sobre a terra é que a natureza pôs nela o germe da discórdia e quis que sua própria razão tirasse dessa discórdia a concórdia, ou ao menos a constante aproximação* (KANT, Anth. 322). Tudo se passa como se a concórdia fosse uma idéia como fim e a discórdia é o meio.

Na *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784) Kant menciona a *insociável sociabilidade* como elemento intrínseco do ser humano e fundamental para o desenvolvimento da história humana. A violência, a agressividade, o interesse egoísta levado adiante pela força, a própria guerra, fariam parte paradoxalmente da tendência da história para melhor. O homem teria uma inclinação para caminhar no sentido de uma vida em sociedade e, simultaneamente, uma resistência e uma tentativa de ameaça a romper com ela. Trata-se de uma inclinação sensível, não calculada racionalmente, porém, à serviço da razão (KANT, Idee, 392-393-394). O peculiar deste elemento é que, sendo fundamental, não pode ser circunscrito ao meramente individual, a insociável sociabilidade emerge na relação com o outro. Só podemos ser insociáveis desde a condição da sociabilidade. É porque o ser humano é contido na espécie que entre a discórdia e a concórdia estamos condenados a nos relacionar, sem outra opção. Este elemento também pesa na noção kantiana de hospitalidade (PEREZ, 2007). Temos o dever (de virtude e de direito) de hospitalidade porque mais tarde ou mais cedo vamos nos encontrar.

Outro elemento que diferencia as características do ser humano de todos os outros seres naturais é o das disposições. Estas disposições aparecem na *Antropologia*, na *Religião* e na *Pedagogia* de um modo que nos faz refletir devido às peculiaridades de cada formulação.

Segundo o texto da *Antropologia em sentido pragmático*, as disposições se dividem em três: 1. **Disposição técnica** (mecânica, vinculada à consequência e útil para o manejo das coisas); 2. **Disposição pragmática** (utilização de outros homens em prol das próprias intenções); 3. **Disposição moral** (em seu ser, disposição de agir consigo mesmo e com os demais segundo o princípio da liberdade sob leis) (KANT, Anth. 322).

Na primeira parte da *Religião nos limites da simples razão* (1793), Kant estabelece também três disposições naturais do homem, porém, com nomenclatura e definições a princípio diferentes das antes apresentadas. Assim sendo, teríamos: 1. A disposição para a **animalidade** do homem como ser vivente (conservação da espécie, propagação da espécie, vida em comunidade); 2. A disposição para a **humanidade** do homem como vivente e racional (o juízo); 3. A disposição para a **personalidade** do homem como racional e como capaz de que algo lhe seja imputado (sentimento moral, lei moral) (KANT, Religion A 13-14, B 15-16).

Em *O suposto começo da história humana* (1786) Kant diz que a natureza colocou em nós duas disposições para dois fins diferentes, a saber: a **humanidade para a animalidade** e a mesma **como espécie moral**. (KANT, Mutmasslicher Anfang, A 15)

Na *Pedagogia* (1800) Kant menciona outra vez as disposições que a educação tem como meta desenvolver. As metas da educação são a **disciplina**, a **cultura**, a **prudência** e a **moralidade**. É nesse sentido que para Kant o homem não sendo propriamente um animal racional, mas capaz de se tornar racional, precise de um trabalho sobre si mesmo para se fazer, um trabalho disciplinar e formativo. A diferença entre ser e se tornar é substancial e a função da razão institucionalizada em produtos da cultura como a religião, o Estado de direito e a educação são decisivos. Wilson (2006, p.45) lembra como na *Antropologia* Kant sugere que o homem alcança as suas capacidades progressivamente, aos vinte anos conquista completamente o uso da razão e suas habilidades (disposições técnicas), aos quarenta anos obtém a prudência (disposição pragmática) e aos sessenta anos chega à sabedoria (disposição moral). Parece existir uma relação intrínseca entre o desenvolvimento biológico do corpo e o desenvolvimento técnico, pragmático e prático da razão, quer dizer, do jogo das representações mentais segundo regras lógico-semânticas.

As disposições que constam na *Antropologia* são diferentes das que constam na *Religião* e das indicações de *O começo da história humana*, isto nos faz pensar na possibilidade de buscar as equivalências e conciliar as classificações e as indicações para estabelecer um quadro comum e juntar aos outros elementos adquiridos e inatos. Wilson (2006) faz uma avaliação das distintas tentativas de articulação e propõe outra. Sem pretender disputar os argumentos propomos aqui a seguinte classificação de disposições: 1. Animalidade: auto-preservação, propagação da espécie, inclinação, vida em comunidade. 2. Técnica: habilidade. 3. Pragmática: juízo e prudência. 4. Moral: lei moral

Além da **disposição natural** Kant acrescenta no texto da *Religião* a **propensão** (*propensio*) como o fundamento subjetivo da possibilidade de uma inclinação (*apetite habitual, concupiscentia*). Distingue-se de uma disposição em que certamente pode ser inata, porém, esta se autorizado a não ser representada como tal, e ser pensada também como adquirida (quando é boa) e como contraída (quando é má) (KANT, Religion A 18019, B 20-21). Segundo Kant, podem ser pensados três graus de propensão: 1. A fragilidade (de querer, mas não cumprir); 2. A impureza (quando a lei não é motivo impulsor suficiente); 3. A malignidade ou perversidade ou estado de corrupção do coração humano, quando se inverte o motivo impulsor do homem, que é a lei, por outros.

Após passar revista a todos esses elementos estamos autorizados a falar – na *Antropologia* – de uma **destinação** do ser humano, **física** e **racional**. Afirma Kant:

O ser humano está destinado, por sua razão, a estar numa sociedade com seres humanos e a se **cultivar, civilizar** e **moralizar** nela por meio das artes e das ciências, e por maior que seja sua propensão animal a se abandonar passivamente aos atrativos da comodidade e do bem-estar, que ele denomina felicidade, ele está **destinado a se tornar ativamente digno da humanidade na luta com os obstáculos que a rudeza de sua natureza coloca para ele** (KANT, Anth. 324-325 o destaque é nosso).

Enquanto à destinação física, Kant menciona dois elementos fundamentais: a **conservação da espécie** e a **satisfação da sua inclinação**. Na *Religião* a disposição para a animalidade contém isto nas suas três condições básicas: autopreservação, propagação e inclinação de vida em comunidade. De um ponto de vista antropológico poderia se constatar que se trataria de um impulso que pelo **instinto sexual** leva o sujeito a *gerar uma cria* e também a *procurar uma mulher como cidadão do mundo*. Para o primeiro precisa da natureza corpórea, para o segundo precisa de poder manter uma mulher e um filho como cidadão do Estado, ter um ofício, conseguir clientela. Os dois elementos devem estar articulados. O **instinto sexual** se reconhece como necessidade fisiológica e como tarefa de um sujeito, aqui estou me referindo à tarefa que o sujeito desempenha na vida em comunidade e que para Kant tem base no seu instinto sexual. Não é a única vez que Kant marca esta posição. Em *O suposto começo da história humana* (1786) Kant afirma que: *depois do instinto de alimento, mediante o qual a natureza conserva a cada indivíduo* (e o indivíduo aprende a discernir e conhecer), *o instinto sexual, mediante o qual a natureza cuida da conservação da espécie, é o instinto superior*. Desse instinto superior aparece a abnegação e a moralização do indivíduo. O jogo entre a satisfação ou

o adiamento da satisfação do instinto sexual media a relação com o objeto de satisfação segundo representações mentais de uma razão prática. Assim, podemos avançar no terceiro passo da razão e da satisfação imediata passamos à expectativa de satisfação como uma reflexiva expectativa do futuro, assim aparecem os fins. Por cada capacidade da razão (cognitiva, moral e reflexionante) há uma relação do sujeito com seu instinto e com a satisfação deste. Um caso bem peculiar dessa relação é apresentado na explicação de Kant sobre porque o homem fala. Cito Kant:

O impulso (*Trieb*) de se comunicar deve ter movimentado o homem, que ainda está só, para dar a conhecer sua existência aos seres vivos que lhe ficavam próximos, principalmente aqueles que emitiam algum som, que ele imitava e depois podia lhe servir de nome. Um efeito parecido deste impulso se vê ainda nas crianças e nos doentes da cabeça que com ruidos, gritos, sons, cantos e outros chamativos entretenimentos (frequentemente parecidos aos trabalhos religiosos), incomodam a parte pensante da república. Pois não vejo nenhum outro motivo que o de querer manifestar a sua existência. (KANT, *Mutmasslicher Anfang*, A 5)

Por um lado, Kant menciona uma função biológica na fala, por outro, indica sua relação com a vontade de manifestar a própria existência. Cabe notar que não se trata apenas de um mecanismo de defesa, onde o homem grita como qualquer outro animal, mas grita em relação com a existência que comunica para outro. Se associarmos essa vontade de comunicar a existência com a questão anterior de satisfazer ou adiar a satisfação dos instintos poderemos compreender o significado da citação de Kant colocada na epígrafe deste trabalho. Nesse fragmento se afirma que a inclinação à liberdade é uma paixão natural (inata) junto com a sexualidade. É no desenvolvimento desses impulsos (naturais) que o ser humano cultiva, civiliza e moraliza. O peculiar dessa posição de Kant é que nem a liberdade nem a sexualidade são reduzidas a funções meramente biológicas. Sem desconsiderar sua natureza biológica Kant mostra a intrínseca relação de representações mentais que possibilitam a liberdade e a sexualidade no ser humano. Assim, a destinação física se articula com a destinação racional em um sistema de fins que não podem ser senão colocados pela própria razão humana.

No final do § 83 da *Crítica da Faculdade de Julgar* Kant chega à afirmação conclusiva de *que temos suficiente razão como para julgar o homem como o fim último da natureza, em referência ao qual todas as demais coisas naturais constituem um sistema de fins, segundo princípios da razão*. E no final do §84 diz que o homem, enquanto ser moral, não pode se perguntar para que existe. Seu próprio existir já é fim supremo, pois *é no homem que se encontra a legislação incondicionada em vista dos fins, a única que o capacita para ser um fim final ao qual toda a natureza está teleologicamente subordinada*. A posição que a razão outorga ao

homem não se baseia apenas na condição biológica senão na capacidade de representar na mente elementos que podem organizar um sistema de fins.

Conclusão

Com estes elementos podemos dizer que reconhecemos os traços semânticos daquilo que se significa com o termo ser humano na proposição inicial da antropologia e por isso a esse sujeito lhe podemos predicar o termo cidadão do mundo.

Certamente, o conceito de natureza humana que nos permite desenhar esta articulação conceitual não é o meramente fisiológico, mas um conceito prático de natureza. A sua definição a encontramos no texto da *Religião* (1793), no início da primeira parte, cito: *por natureza do homem entender-se-á apenas o fundamento subjetivo do uso da liberdade em geral (sob leis morais objetivas), que precede a todo fato que se apresenta aos sentidos, seja onde for que resida este fundamento* (KANT, Religion BA 5,6). Com efeito, trata-se de uma natureza prática, que lhe permite afirmar a Kant no final da *Crítica da Faculdade de Julgar* que a antropologia está fundada no princípio ético da liberdade, e que está em conformidade com o uso prático da razão (KANT, KU 469,475).

Para encerrar podemos dizer que o percurso realizado nos mostra que os elementos que dão sentido ao conceito de ser humano na antropologia nos leva a um significado prático e não simplesmente empírico do conceito de natureza humana que está na base do estudo kantiano. Isto por sua vez nos levaria a localizar a antropologia no domínio da razão prática, mais próxima do direito e da história do que na razão teórica, perto da matemática, da geometria e da física. Assim sendo, o estudo da natureza humana não só levaria em consideração os elementos biológicos e a causalidade natural que, por exemplo, encontramos na disposição animal, no instinto sexual, no impulso a se alimentar e na satisfação deles, não só relevaria as características que podemos observar em campo ou em livros de viagens ou em obras literárias clássicas, isso tudo está organizado a partir de um conceito prático de natureza e está guiado pelo interesse também prático de distinguir entre o que obstaculiza e o que propicia a realização da lei moral.

Nesse sentido, a antropologia pragmática de Kant também nos oferece elementos para pensar alguns dos problemas que abordam as neurociências, como é o caso da relação entre as representações mentais e as reações eletro-químicas. As seqüências causais não podem ser negadas na sua especificidade nem ignoradas na sua articulação. Eric Kandel, (1999), (2005) oferece elementos muito importantes para compreender a questão da relação possível entre

neurociências e psicanálise. Kandel aponta para a importância da retomada de elementos da psicanálise (que estudaria representações mentais conscientes e inconscientes e que trataria delas) e os novos estudos da neurologia e da biologia. Talvez essa empresa possa ser enriquecida se se incluísse a antropologia pragmática kantiana onde as representações conscientes, não conscientes e as necessidades biológicas são tratadas de um modo não dicotômico.

Referências

- BRANDT, R. & STARK, W. *Einleitung*. IN *Kants Gesammelte Schriften*. Berlin: W. de Gruyter, 1997.
- KANDEL, E. *Biology and the future of psychoanalysis: A new intellectual framework for psychiatry revisited*. *American Journal of Psychiatry*, 156: 505-524, 1999.
- _____. *Psychiatry, Psychoanalysis, and the New Biology of Mind*. Washington, D.C.: American Psychiatric Publishing, 2005.
- KANT, I. (1902-) *Kant's Gesammelte Schriften*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- LONGUENESSE, B. *Kant on the Human Standpoint*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- LOPARIC, Z. *A semântica transcendental de Kant*. Campinas:UNICAMP, CLE, 2000.
- LOUDEN, R. *Kant's Impure Ethics*. New York: Oxford University Press, 2000.
- PEREZ, D. O. *Kant e o problema da significação* Curitiba: Editora Champagnat, 2008.
- _____. Os significados dos conceitos de hospitalidade em Kant e a problemática do estrangeiro. *Revista Philosophica*, v. 31, p. 43-53, 2007.
- PINKER, S. *The Blank Slate. The modern denial of human nature*. New York: Penguin Books, 2002.
- WILSON, H. L. *Kant's pragmatic anthropology. Its origin, meaning, and critical significance*. New York: State University of New York Press, 2006.